GESTÃO

Novos perfis profissionais na esfera da Contabilidade para as micro e pequenas empresas

Por Anabela Valentim

O TOC está numa situação privilegiada para apoiar a gestão. No entanto, o seu actual desempenho é insuficiente para as necessidades e desafios que se deparam às micro e pequenas empresas. Por isso, faz sentido que se exija que o profissional de contabilidade seja um elemento activo e integrado na competitividade das organizações face ao mercado globalizado.

Anabela Valentim
TOC n.º 30 212

Nas duas últimas décadas o conhecimento científico e tecnológico avançou a uma velocidade nunca testemunhada anteriormente, ([1]) com significativas alterações na forma de pensar, agir e comunicar da Humanidade e das suas organizações, com principal destaque para as micro e pequenas empresas.

Esta mutação deve-se, entre outros factores, à globalização. E pode afirmar-se, seguindo várias fontes, que se deu início a um novo ciclo económico que se deseja de crescimento, e em que a responsabilidade social e ambiental, bem como as novas tecnologias de informação e comunicação, passaram a ter uma importância determinante para o sucesso de qualquer organização.

Com a globalização, e tal como aconteceu no passado, é credível que a contabilidade terá de se mover e adaptar porque, mais do que nunca, as empresas precisam de informações relevantes, fiáveis, atempadas e comparáveis. Estamos convictos que estes atributos, apesar de não suficientes, são fundamentais para antever o futuro e para as empresas se manterem competitivas.

Também com a globalização o mercado internacional e a interacção das empresas deixa de ser exclusividade dos grandes grupos empresariais e de *staffs* com melhor competência, para dar lugar a um cenário de negócios em que as micro e pequenas empresas têm um peso determinante no emprego e na dinamização da economia a nível global, como revela o Observatório das PME Europeias – 2003 ([2]), como se ilustra a seguir:

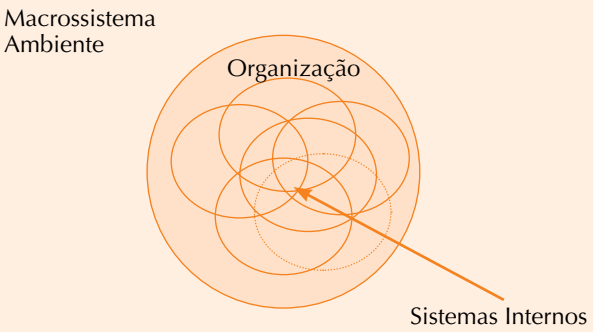
– Percentagem em número de empresas: 99,7 por cento nos EUA e Japão; 98,8 por cento na UE-15; e de 97,2 por cento em Portugal;

– Pessoal empregue: 49 por cento nos EUA; 67 por cento no Japão; 70 por cento na UE-15; e de 55 por cento em Portugal.

Este novo ambiente indicia uma nova fase em que nos parece justificável encontrar novos perfis profissionais na esfera da Contabilidade para as micro e pequenas empresas, até porque os perfis existentes atendem fundamentalmente às grandes empresas.

Para melhor fundamentarmos a necessidade que justifique a criação de novos perfis profissionais na esfera da Contabilidade para as micro e pequenas empresas vamos reflectir sobre alguns factores do seu macrossistema, "diagnosticar" a situação interna das micro e pequenas empresas, com enfoque no sistema da contabilidade e na sistematização do enquadramento académico e profissional do actual contabilista. O esquema de referência é o que a seguir se apresenta.

Aspecto do ambiente (macrossistema) das micro e pequenas empresas



Fonte: *e-Texto 18* do Plano de Sessão n.º 11 das aulas em *(b)learning* da disciplina de Controlo Financeiro leccionada por Maria Augusta Fernandes, docente do ISCAL

De facto, para as micro e pequenas empresas faz todo o sentido abordar o modo como elas se inserem no seu contexto, e seguir esta metodologia parece-nos ser o mais coerente, até do ponto de vista do senso comum. Sem a pretensão de tudo se cobrir, visaremos apenas alguns dos aspectos que consideramos mais relevantes para o que aqui nos interessa: empreendedorismo, inovação, competitividade, qualidade da economia *versus* emprego e desenvolvimento sustentável.

Empreendedorismo – É um dos pilares do desenvolvimento económico e deve-se à existência de indivíduos dispostos aos riscos de empreender.

Dos diversos índices e rácios existentes para a avaliação do empreendedorismo é o índice Actividade Empreendedora Total (TEA) (3) o mais relevante.

Os valores da TEA no ano de 2004 foram de 13 por cento nos EUA; 4,5 por cento na média da UE-15; e de 4 por cento em Portugal Continental. Pelo exposto, podemos concluir que em Portugal o empreendedorismo é fraco, denotando o receio pelo risco.

Esta situação, no nosso entender, poderá ser atenuada através de empresas melhor estruturadas. Para isso é imperioso que a Contabilidade dê informação atempada aos empreendedores para que as suas tomadas de decisão sejam fundamentadas e ajustadas à realidade das suas empresas. Considerar a área do empreendedorismo para potenciais perfis profissionais de contabilidade parece-nos assim evidente, valorizando-se o facto de o "contabilista" ser o profissional que o dono das micro, pequenas e médias empresas não dispensa, eventualmente por razões da fiscalidade, havendo que aproveitar esta circunstância.

Inovação – É o «impulso fundamental que coloca e mantém em movimento a engrenagem da economia.» (4)

A inovação contínua é um dos pilares fundamentais para aumento e sustentação da competitividade das organizações, países e zonas económicas. No presente, para que a inovação aconteça é necessário ter acesso ao conhecimento tecnológico; desenvolver o capital humano através da formação contínua ao longo da vida; adoptar padrões mundiais de qualidade e de produtividade.

Estudos realizados por países desenvolvidos (5) estimam que a inovação é responsável por 80 a 90 por cento do crescimento da produtividade; por 80 por cento do crescimento económico; e por ampliar as oportunidades de ganhos económicos e sociais.

Nas últimas décadas surgiram novos indicadores que servem para aferir de como a inovação aumenta ou diminui num país, região ou mercado económico, havendo duas formas de indexação, ao PIB e ao PIB *per capita*. Ao PIB estão, por exemplo: investigação e desenvolvimento (I&D); investimento em ciência e tecnologia (C&T); investimento em pesquisa e desenvolvimento (P&D), etc. E ao PIB *per capita* são exemplo o número de pessoas que acedem à Internet; têm computador pessoal; sabem utilizar o computador; possuem telemóvel; ou utilizam sítios na Internet ligados à ciência e pesquisa científica, etc.

No âmbito da inovação, o desempenho em Portugal em relação aos países mais desenvolvidos é baixo na maioria dos indicadores. (6) No entanto, parece que esta situação tende a melhorar segundo os dados que constam do «*Ranking* Europeu da Inovação», (7) Portugal ocupa o 18.º lugar da UE-25, agrupado nos países «em recuperação» e «com potencial».

O baixo índice de inovação está ligado à falta de investimentos na investigação e em equipamentos de ponta, bem como na implementação de novas ideias. A inversão desta situação passa por incentivos financeiros e apoios de aconselhamento dos organismos públicos aos empresários de projectos inovadores, sendo disto exemplo o programa FINICIA desenvolvido pelo IAPMEI. (8)

Para além destes apoios, os empresários das micro e pequenas empresas, que na sua grande maioria têm uma escolarização fraca, deverão socorrer-se de quem lhes faz os projectos e/ou realiza a contabilidade, obtendo da informação contabilistica dados que apontem quais as linhas a seguir no que respeita à inovação das suas empresas. Assim, pensamos que a inovação é um aspecto a ser contemplado por possíveis novos perfis profissionais em Contabilidade.

Competitividade – É a capacidade que um país tem em sustentar o crescimento económico nos anos vindouros.

Para a medição da competitividade existem vários índices. Os mais credíveis são:

– Índice de Crescimento Competitivo, também chamado de Índice de Competitividade Global (*Growth Competitiveness Index* – GCI) estuda-

do e divulgado pelo *World Economic Fórum* – WEF ([9]);
– Índice de Competitividade Corrente (*Current Competitiveness Index* – CCI);
– Índice de Competitividade Empresarial (*Business Competitiveness Index* – BCI).
Diferentes estudos revelam que a competitividade em Portugal nas últimas décadas tem vindo a baixar, considerando-a neste momento estagnada, sendo apontada como principal causa o crescimento dos salários a um ritmo superior ao do crescimento da produtividade. Uma maneira de contrariar esta situação passa pela valorização académica dos empresários das micro e pequenas empresas, e também pela introdução de novos conteúdos na preparação académica e profissional dos profissionais de contabilidade.
De facto, parece-nos não bastar o cumprimento técnico e a satisfação das obrigações fiscais. Os contabilistas devem ir mais além, devido à necessidade que os empresários têm de ser mais competitivos, de modo a que as suas empresas se perpetuem. Para que tal suceda, têm de estar informados da saúde das suas empresas. E esta informação cada vez de maior qualidade deve poder ser dada pela Contabilidade.
Qualidade da economia *versus* emprego - Tem um papel fundamental nas micro e pequenas empresas na medida em que são estruturas organizacionais mais simples, atributo que as pode tornar mais dinâmicas, flexíveis e mais adaptativas, levando a que possam reagir mais facilmente às ameaças, transformando-as em desafios. Neste quadro, as micro e pequenas empresas têm de estar preparadas para:
– Uma nova flexibilidade da organização do trabalho, que obriga a uma maior exigência na autodisciplina e responsabilização de todos os membros;
– À necessidade de criar equilíbrios entre trabalhadores jovens e os mais velhos; trabalhadores menos e mais qualificados; assegurar níveis elevados de produção e da saúde dos trabalhadores; flexibilização nas tarefas a desempenhar e segurança no desenrolar das mesmas;
– Mão-de-obra cada vez mais qualificada é uma exigência, pelo que se torna imperioso a aprendizagem ao longo de toda a vida, a nível individual; e, a nível empresarial, é fundamental a criação de sinergias entre empresas, organizações e agentes educativos de forma a garantir novas competências tão necessárias ao mundo cada vez mais competitivo.
Assim, para que haja um aumento da qualidade da economia *versus* emprego é necessário criar equilíbrios. Para a criação destes e outros equilíbrios a informação contabilistica tem um papel determinante, donde se assuma que terá de dar índices e rácios que ajudem os empresários a detectar os desequilíbrios e lhes apontem para os equilíbrios a estabelecer. Concluímos que estes saberes devem estar presentes nos potenciais novos perfis profissionais de contabilidade.
Desenvolvimento sustentável - Atende às necessidades presentes sem comprometer a possibilidade das gerações futuras satisfazerem as suas próprias necessidades. ([10])
Em Portugal, temos o Plano da Estratégia Nacional de Desenvolvimento Sustentável ([11]) que traça finalidades, das quais seleccionámos as mais significativas e que se apresentam de seguida:
– Preservar o futuro das novas gerações através da gestão dos recursos, como por exemplo: protecção do meio físico; equilíbrio da distribuição da riqueza, eliminando as desigualdades sociais;
– Fixar desafios para um estádio civilizacional mais racional através da inclusão de novas práticas, como sejam: utilização de energia limpa através de transportes sustentáveis; conservação de recursos naturais com a implementação de políticas para diminuir a poluição; acabar com a exclusão social com a implementação de programas direccionados para as franjas da população sofredoras ou com o risco de virem a sofrer de exclusão social; assim como a criação de programas de combate à pobreza global, como seja, o acesso ao microcrédito.
No nosso entender, todas estas finalidades têm de ter impacto nas organizações, e em especial nas micro e pequenas empresas devido ao seu peso na economia, contribuindo para o seu sucesso, se elas as souberem aproveitar e introduzir no seu seio, e isso também passa pela informação contabilistica dessas empresas, que será favorecida se estas matérias constarem dos novos perfis profissionais de contabilidade.
Assim, o desenvolvimento sustentável apresenta desafios que poderão ser oportunidades para as micro e pequenas empresas, e se estas dispuserem de informação contabilística direccionada para a gestão dos empresários, o processo sairá beneficiado.
Face ao exposto, podemos com fundamento concluir que empreendedorismo, inovação, competitividade, qualidade da economia *versus* emprego, e desenvolvimento sustentável são alguns dos aspectos do macrossistema com grande impacto nas empresas a que a Contabilidade não pode ficar indiferente, no pressuposto de que tem um papel

fundamental na informação aos empresários, para que estes possam tomar as decisões mais acertadas. E entendemos que se os empresários das micro e pequenas empresas necessitam de um conhecimento qualitativo da envolvente das suas empresas é necessário criarem-se novos perfis profissionais no âmbito da Contabilidade.

Perspectiva interna das micro e pequenas empresas centrada na Contabilidade

Ao tentar compreender o universo das micro e pequenas empresas temos de as conhecer «por dentro». Para isso, através duma abordagem sistémica e contingencial, seleccionamos algumas dimensões que encaramos como sistemas.
A forma como se articula uma organização em sistemas internos tem reflexo na informação contabilística fornecida a todos os seus *stakeholders*.
Para o que aqui nos interessa elegemos os seguintes sistemas internos: finalidades e objectivos; estrutura; técnico; TIC; acompanhamento e controlo; e, por último, a contabilidade.
Finalidades e objectivos: seguindo a opção da disciplina de Controlo Financeiro do ISCAL articulámo-lo em quatro subsistemas, a saber:
Crenças e valores - Para cada micro ou pequena empresa é importante que se defina quais as crenças e valores que protagoniza, mesmo que seja através de conceitos muito simples, como por exemplo: «serem os melhores», «dar importância aos detalhes da execução», etc. A qualidade desses conceitos reside no acreditar da sua mensagem e no orgulho em praticá-los e dá-los a conhecer dentro e fora das empresas.
Visão e missão - «A visão da empresa deve servir de inspiração para todos os seus membros» ([12]). Deve ver longe e revelar o papel da organização na sociedade.
Definida a visão é com mais clareza que poderão estabelecer-se as ideias e orientações gerais para a empresa.
«A missão consiste numa declaração escrita que traduz as ideias e orientações globais da empresa» e «...deve incluir o conceito de negócio da empresa». ([13])
Qualquer empresa, e as micro e pequenas empresas não são excepção, têm todo o interesse em saber responder às perguntas: «que negócio é o nosso?» ou «porque estamos neste negócio?»
De acordo com a sugestão de Freire (2004) ([14]), «uma maneira prática de criar uma missão adequada aos interesses da empresa é redigir um texto que procure responder» de forma coerente «às questões: a) Qual é a razão de ser da empresa?; b) Qual é o negócio da empresa?; c) Quais são as futuras competências requeridas pela empresa?; d) Quais são os principais clientes ou segmentos de mercado da empresa?; e) Quais os principais produtos ou serviços da empresa?»
Responsabilidade social - «A Responsabilidade Social das Empresas (RSE) é a integração voluntária de preocupações sociais e ambientais nas operações quotidianas das organizações e na interacção com todas as partes interessadas.» ([15])
Por serem micro e pequenas empresas não deverão descurar a responsabilidade social, ou seja, como muitos adiantam que se devem encarnar como «a empresa bom cidadão». Ao fazê-lo, transformam a responsabilidade social num importante factor de dinamização.
Ao analisarem a forma de como hão-de utilizar as energias renováveis, reduzir o desperdício, participar em programas de emprego, entre muitas outras acções, estão a promover a sua eficiência e a desenvolverem-se de forma sustentável, e a cumprir o seu papel na responsabilidade social.
Objectivos em sentido restrito - As micro e pequenas empresas, tal como acontece nas de maior dimensão, deverão estabelecer um sistema de objectivos concretos e que estejam em uníssono com os valores, a visão, a responsabilidade social e a missão definidos. Estes objectivos têm que ter duas características fundamentais, quantificação (ser medido e quantificado) e dimensão temporal (enquadrado no tempo).
Exemplos deste subsistema: continuidade dos lucros; maximização de dividendos; qualidade dos produtos e serviços; eficiência, entre outros.
Normalmente, este sistema interno é desconhecido dos empresários das micro e pequenas empresas e ignorado pelos seus contabilistas. Ora, assim sendo, como poderão fazer uma gestão por objectivos e/ou uma gestão por resultados?
Estrutura – Nas micro e pequenas empresas a estrutura assemelha-se, na maioria dos casos, à proposta «Formas simples e equipas de pequena dimensão» defendida por Tom Peters e Bob Waterman, na obra «Na senda da excelência», e que os autores mostram como fazer a "diferença", para melhor.
O universo das micro e pequenas empresas pode ser tipificado em duas situações: 1) com

apenas uma pessoa empregue – o empresário, que assume, em simultâneo, os papéis de gerente e empregado; 2) com mais de um elemento, o dono assume o papel de gerente e os restantes elementos – empregados, constituem as equipas de pequena dimensão.
Seja qual for o modelo da estrutura, esta deverá ser olhada como um processo onde estão definidos objectivos, funções, actividades e tarefas, que cada equipa terá de cumprir.
Este sistema raramente é reconhecido pelos empresários e seus contabilistas nas micro e pequenas empresas, havendo aqui um espaço de intervenção para estes profissionais.
Técnico – Com o sistema técnico queremos salientar a importância de aliar os diferentes saberes técnicos adquiridos ou a adquirir pelas pessoas que trabalham em conjunto numa empresa, sendo a afectação desses saberes recíproca, isto é, o resultado da combinação dos saberes de cada pessoa é maior que a soma de todos eles.
O desejável é que nas micro e pequenas empresas o sistema técnico faça interagir os saberes dos seus donos com os dos outros profissionais que nelas trabalham. Saberes que conciliados com a melhor utilização possível dos equipamentos adequados exponenciam o rendimento, através de processos pré-definidos e que deverão ser continuamente melhorados. Como exemplo, o programa REDE ([16]) desenvolvido pelo IEFP em que alia os saberes existentes nas micro e pequenas empresas com recém-licenciados em Gestão e com utilização de equipamentos informáticos, para que haja uma «melhoria das competências de gestão dos quadros das pequenas empresas.»
Infelizmente, o exemplo referido não é a prática generalizada. Apesar dos contabilistas das micro e pequenas empresas zelarem pelo cumprimento da regularidade técnica e satisfação das obrigações fiscais é desejável que ponham os seus conhecimentos ao serviço da resolução dos muitos problemas organizacionais de que padecem as micro e pequenas empresas.
TIC – As Técnicas de Informação e Comunicação (TIC) promoveram a última revolução da globalização, e da qual as micro e pequenas empresas não estão arredadas, bem pelo contrário, possibilitaram a sua multiplicação, com especial relevância no sector dos serviços e do comércio, e, também, em pequenas indústrias que viram o seu mercado alargado à escala mundial através dum computador ligado à Internet, abrindo-se os mercados do *Marketspace* e do *Marketplace*.
Numa outra perspectiva, por força do cumprimento das obrigações fiscais, na generalidade as contabilidades das micro e pequenas empresas estão informatizadas. Este processo consiste na recolha da "papelada" nas empresas por parte dos contabilistas que após o seu tratamento técnico é informatizada.
Este método deverá ser melhorado através de novos processos e mecanismos que ponham as TIC na cadeia de valor de cada organização, e nomeadamente que agilizem e facilitem a recolha dos elementos que dão origem à Contabilidade, de forma a que esta deixe de ser apenas histórica e passe a ser também prospectiva, e chegue em tempo útil aos empresários para que eles possam tomar decisões baseadas em informações contabilísticas específicas.
Acompanhamento e controlo – O uso de instrumentos que melhorem a desejável aprendizagem contínua (aprendizagem e melhoria realizada no dia a dia e todos os dias) levada a cabo por cada organização, exige um sistema de acompanhamento segundo novos modelos, hoje designados por "modernos".
E o que caracteriza estes modelos? Podemos dizer que todos eles são atravessados pelo: financeiro e não financeiro; curto e longo prazo; quantitativo e qualitativo; estratégico, táctico e operacional; interno e externo à empresa; empresa como um todo integrado.
Dentro destes modelos, o provavelmente mais conhecido é o *Balanced Scorecard* (BSC) de Robert S. Kaplan e David P. Norton, inicialmente concebido para as grandes empresas, no que pode, no entanto, ser adoptado pelas micro e pequenas empresas.
Contudo, existem outros modelos mais simples vocacionados para as micro e pequenas empresas, que é o caso do VEES ([17]), que são as iniciais da designação dos quatro subsistemas que o articula, ou seja:
– Visibilidade – relaciona com a comunicação e divulgação do acompanhamento e controlo;
– Eficiência – mostra como os recursos estão a ser utilizados;
– Eficácia – mostra como os objectivos estão a ser atingidos;
– Satisfação – cobre tudo o que se relaciona com o factor humano, ou seja com as pessoas.
Não é habitual implementar modelos de acompanhamento e controlo nestas empresas, apesar de serem instrumentes fundamentais para a gestão de qualquer empresa, pelo que os contabilistas terão aqui uma oportunidade para enriquecimento da sua função, começando por explicar aos empre-

sários a quem prestam os seus serviços, as vantagens de introduzirem um modelo de acompanhamento e controlo ajustado à sua realidade.

Contabilidade – Para as micro e pequenas empresas é prática corrente a execução da Contabilidade ser feita no seu exterior, executada no gabinete de um contabilista (Técnico Oficial de Contas - TOC) de sua confiança, a quem, regra geral, o empresário entrega os elementos, para que o contabilista assuma a responsabilidade e regularidade técnica nas áreas contabilistica e fiscal, descurando-se a utilidade que a informação contabilistica tem para o empresário na tomada de decisões.

O desejável é que a Contabilidade dê muito mais conteúdo informativo de gestão às micro e pequenas empresas. Assim, os TOC, em colaboração com os donos/gerentes e empregados das micro e pequenas empresas deverão ajudá-los a: caracterizar o ambiente envolvente; a identificar os sistemas internos; a implementar um modelo de acompanhamento e controlo, que poderá ser o VEES ou um outro que mais se enquadre e adapte à empresa, para finalmente, conceber e executar os planos estratégico, táctico e operacional.

Do exposto anteriormente, parece-nos legítimo afirmar que existe espaço para a criação de novos perfis profissionais no âmbito da Contabilidade que incorporem conteúdos decorrentes da situação das micro e pequenas empresas e dos seus pontos fortes e fracos.

Profissão: contabilista

Os profissionais em Portugal no âmbito da contabilidade dividem-se em dois grupos, de acordo com a sua qualificação académica e/ou pela Classificação Nacional de Profissões (CNP) ([18]).

Quanto à qualificação académica:

– Técnico-profissional ([19]), habilitado pelas escolas secundárias, escolas profissionais e centros de formação profissional do IEFP. O detentor do curso Tecnológico de Administração, que tinha como primitiva designação «empregado(a) de escritório», pode optar pela área específica de contabilidade e gestão, a qual dá a possibilidade de exercer as profissões de técnico de contabilidade, técnico de contabilidade e gestão, entre outras.

– Superior ([20]), habilitado pelas instituições do ensino superior (faculdades e institutos politécnicos) da alçada do Ministério da Educação. O licenciado em Contabilidade tem um vasto leque de profissões, sendo as mais representativas: TOC, mediante condições definidas pela Câmara dos Técnicos Oficiais de Contas (CTOC); contabilista; director administrativo e financeiro; auditor interno e externo; planeamento e controlo de gestão (*controller*); quadro superior de administração pública; quadro de instituições

– Financeiras; consultor financeiro e fiscal; e gestor de empresas.

Os profissionais que não possuam a cédula de TOC só poderão efectuar contabilidades de entidades que se encontram no regime fiscal simplificado, e com contabilidade não organizada.

Quanto à Classificação Nacional de Profissões (CNP) enquadra os profissionais ligados à Contabilidade em dois grupos ([21]):

– «Grupo 1 – Quadros superiores de administração pública, dirigentes e quadros superiores de empresas;

– Grupo 4 – Pessoal administrativo e similares».

Segundo o artigo «Educação e Formação 2010», de Ida Brandão ([22]), a escolarização da população em geral tem «indicadores que são alvo de discussão e preocupação» e que se prendem com:

– Elevada taxa de abandono e não conclusão da escolaridade obrigatória, Portugal apresenta o dobro da taxa de abandono relativa à média da UE;

– Percentagem da população adulta com ensino secundário muito abaixo da média europeia (cerca de 20 por cento em Portugal enquanto é de 64 por cento na UE);

– Fraca apetência por uma aprendizagem ao longo da vida, a percentagem da população activa a frequentar acções de formação é cerca de um terço da média europeia;

– Percentagem muito baixa de diplomados em ciências e tecnologias, menos de um terço da média da europeia.

Quanto aos empresários, gerentes e trabalhadores dependentes, segundo o mesmo artigo, os indicadores também não são mais favoráveis: «Constata-se que em Portugal 60 por cento da população adulta portuguesa tem no máximo o 6.º ano de escolaridade e que 80 por cento dos empresários têm o 9.º ano de escolaridade. Com uma indústria assente numa mão-de-obra barata e desqualificada, os jovens abandonam o sistema escolar para ir trabalhar em empresas que pouco ou nada investem na formação.»

Os saberes administrados aos profissionais de contabilidade são, de forma geral, dados na pers-

pectiva das grandes empresas. Pensamos que ficou demonstrado existir a necessidade de apetrechar os novos perfis profissionais na esfera da Contabilidade com saberes ajustados à realidade das micro e pequenas empresas.

Conclusão

Com base no estudo realizado no âmbito do trabalho de fim de curso e do qual demos aqui conta do essencial, o contabilista está numa situação privilegiada para apoiar a gestão, tanto pelos saberes e conhecimentos acerca dos sistemas internos e do macrossistema que deverá possuir, como pela confiança que detém por parte dos donos/ /gerentes das micro e pequenas empresas. No entanto, o desempenho do actual contabilista (TOC) é insuficiente para as necessidades e desafios que se deparam às micro e pequenas empresas.
Faz sentido que se exija que o profissional de contabilidade seja um elemento pró-activo e integrado na competitividade das organizações frente ao mercado globalizado. Terá de estar sempre receptivo à aprendizagem contínua, tendo por missão cultural de receber, processar e difundir informações, mas não apenas históricas. Prioritariamente, terá de desenvolver uma forte capacidade de diagnóstico, não se podendo cingir apenas à visão de uma contabilidade limitada às paredes da empresa, ao limite geográfico onde ela está implantada ou ao espartilho do cumprimento da responsabilidade e regularidade técnica nas áreas contabilística e fiscal.
O profissional no âmbito da contabilidade, seja qual for o seu perfil, terá que deixar de ser um elemento passivo para passar a ser um elemento pró-activo no sucesso das organizações, com um papel mais acutilante e, sendo, não raras vezes o único quadro profissional ligado à gestão das micro e pequenas empresas, é necessário que este profissional tenha cada vez mais uma visão holística. ([23])
Assim, no ambiente económico global, parece-nos haver lugar a novos perfis profissionais no âmbito da contabilidade dado que existem novos cenários de negócios, e porque há a necessidade da informação contabilística ter de ser alargada à antecipação e antevisão do amanhã que possibilite aos empresários opções estratégicas e definição de tácticas para melhorar a execução das operações, através da ampla difusão dos processos pelos seus intervenientes. Para que as organizações, em particular as micro e pequenas empresas, se desenvolvam de modo contínuo e ajustado a este novo ciclo denominado globalização. ■

(Texto recebido pela CTOC em Novembro de 2007

Bibliografia

Disponível para consulta no *site* da CTOC (www.ctoc.pt).

([1]) Como refere Sydney Brenner, laureado Nobel da Medicina em 2002, em entrevista ao jornal *Público* a 21 de Outubro de 2002.
([2]) No sítio http://www.iapmei.pt/resources/download/Estudos/2003_8_h.pdf.
([3]) TEA – Total Entrepreneurial Activity. Definição no sítio: http://www2.spi.pt/gem/docs/RelatorioSinteseGEM.pdf
([4]) Definição de Joseph Schunpeter, economista.
([5]) Na reportagem divulgada no sítio http://www.comciencia.br/reportagens/2004/08/13.shtml.
([6]) No sítio: http://www.dpp.pt/gestao/ficheiros/infor_inter_2001_I_VIII6.pdf.
([7]) No sítio: http://diariodigital.sapo.pt/dinheiro_digital/news.asp?section_id=2&id_news=61871, datado de 12.01.2006.
([8]) No sítio: http://www.iapmei.pt/iapmei-not-02.php?noticia_id=681.
([9]) No sítio: http://www.weforum.org/en/index.htm.
([10]) Definição da Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (CMMAD) da Organização das Nações Unidas.
([11]) No sítio *http://www.planotecnologico.pt/pt/desenvolvimentosustentavel/perguntas-frequentes/lista.aspx.*
([12]) De Adriano Freire *in* «Estratégia – Sucesso em Portugal», Lisboa, 2004.
([13]) *Idem* nota de rodapé 13.
([14]) *Idem* nota de rodapé 13.
([15]) No sítio:http://www.portaldaempresa.pt/CVE/pt/Gestao/ResponsabilidadeSocial/
([16]) Nos sítios: http://rede.iefp.pt/default.asp e http://rede.iefp.pt/linkdestaque0/linkdestaque01/RelatorioFinal2002.doc.
([17]) Modelo apresentado e estudado no ISCAL e concebido pela mestra Maria Augusta de Jesus Fernandes, docente do Instituto.
([18]) CNP no sítio: http://cdp.portodigital.pt/profissoes/classificacao-nacional-das-profissoes-cnp/especialistas-das-ciencias-fisicas-matematicas-e-engenharia/.
([19]) Segundo ME (DES)/MSST (IEFP).
([20]) Segundo o estudo do Prof. Dr. Rui Manuel Pais de Almeida – «Implementação do Processo de Bolonha a nível nacional – Grupos por Área de Conhecimento – Contabilidade» Lisboa, 2004.
([21]) Para mais detalhe ver o sítio referido na nota rodapé 20.
([22]) No sítio: http://www.proformar.org/revista/edicao_5/pag_2.htm.
([23]) Definição de visão holística no sítio: http://www.numa.org.br/conhecimentos/conhecimentos_port/pag_conhec/visao_holistica.html.